

NESTE TIME, TODO MUNDO JOGA

MIRELLE PINHEIRO

Mesmo antes da inauguração, em 21 de abril de 1960, a capital não era palco só de arquitetos e políticos que por aqui desembarcavam, mas do tradicional futebol dos pioneiros, que se revezavam entre o serviço com concreto e meia dúzia de embaixadinhas. As peladas eram realizadas em areia, grama ou terra batida. Em meio às quatro linhas: traves — sempre improvisadas com pedaços de madeira — e bolas de capotão, couro ou, até mesmo, de meias enroladas. Os campos do Parque Nacional e os lotes vazios da Candangolândia eram tentadores para os boleiros que construíram Brasília.

Hábito do passado, jogar bola ganhou força no presente. E a pelada se institucionalizou. Com 120 integrantes, o grupo idealizado por Eduardo Toshiaki é o retrato do quanto o futebol amador é democrático. Criado em 1998, o encontro semanal é composto por homens e mulheres, embaixadores e crianças. O jogo ocorre na quadra poliesportiva de uma escola do Lago Sul, sempre às sextas, às 23h.

De longe, escuta-se o barulho da bola e de uma torcida que varia os decibéis de acordo com o quórum. Alguns integrantes se revezam como gandulas, outros ficam no placar e marcam o tempo. Expressões em inglês, japonês, turco e até vietnamita são ouvidas entre o vaivém da bola. Para os jogadores amadores, nem mesmo a diferença de idioma é obstáculo. “É só fazer mímica que dá tudo certo”, brinca o analista de sistemas Ricardo Barbosa, 35 anos, peladeiro assíduo.

O grupo, que mais parece uma família, costuma organizar uma versão própria do chá de fraldas quando alguém se torna papai: o futfralda. Festas de aniversário e de despedida, no caso dos estrangeiros, são realizadas na quadra, com direito a bons petiscos. As comemorações de fim de ano são com os companheiros dentro de campo. “No ano passado, o ano-novo e o Natal caíram no dia da pelada e, mesmo assim, veio muita gente, o jogo foi incrível”, lembra o contador Almir Junior, 25.

Quando questionados se preferem o futebol ou a tradicional balada de sexta-feira, a resposta é a mesma: não trocam as quatro linhas por nada. Médicos, advogados e universitários guardam roupas e chuteiras no carro, nem mesmo a rotina de provas e plantões faz com que o futebol seja cancelado.

Em Brasília, não atuam ícones do futebol, mas, em **clássicos de times desconhecidos**, os atletas levam os jogos com muito humor. Aliás, essa é a marca registrada das equipes que compõem a Liga dos Peladeiros de Brasília (LPB). Disputas entre Bar sem Lona e o Real Madruga ocorrem semanalmente nas quadras do Plano Piloto. Formada por integrantes de 15 a 40 anos, a liga não permite profissionais.

Cada clube tem logomarcas e uniformes. Para prevalecer o clima de tranquilidade, o perfil dos novos integrantes é analisado pela comissão organizadora. “A LPB oferece um nível maior de interação entre os jogadores. A amizade é algo positivo que temos como consequência”, explica o projetista e presidente da liga, Rafael Almeida, 25.

Pode isso?

Até mesmo as peladas têm regras básicas. Com a necessidade de organizar essas partidas, surgiu o árbitro amador, que atua sozinho ou com um grupo de bandeirinhas. Apesar de serem apenas entusiastas do esporte e sem formação na área, os que desempenham essa função vestem, literalmente, a camisa. “Compro roupas apropriadas para mim e para os bandeirinhas, assim como cartões e bons apitos. Levo a sério e invisto nisso, o atleta não respeita um juiz bagunçado”, diz o garçom Carlos Rocha, 35 anos, que chega a apitar 18 jogos no Distrito Federal em um mês.

Inspiração

O Judas FC antes se chamava Ratos Traíçoeiros; o time tem muitos jogadores, mas “pouco confiáveis”, brincam. O Real Madruga Futebol e Cerveja faz o trocadilho com o poderoso time do Real Madrid. A escolha do Seu Madruga para ilustrar a equipe foi por conta da identificação imediata por qualquer brasileiro. “Ele é um mito, todos o amam”, destaca o presidente da liga. Já o Bar sem Lona foi criado para que se tenha um clássico também no mundo das peladas: Real Madruga vs Bar sem Lona. E o Guiñazu UFC, é uma homenagem ao raúdo jogador argentino e inimigo das canelas adversárias, Guiñazu, ídolo do Internacional e do Vasco.

Minervino Junior/CB/D.A Press



A versão mais moderna

Saber em tempo real onde está ocorrendo a pelada mais próxima, tabelas de desempenho bem como contribuições em dinheiro de cada integrante, tudo isso é de fácil acesso e pode ser executado na palma da mão. A tecnologia, definitivamente, se tornou aliada dos boleiros.

Aplicativos

Jogabo

(em inglês, de graça para iPhones/Android) Encontra jogos amadores em qualquer lugar do mundo. Por meio de um mapa, o aplicativo indica onde os grupos estão jogando, permite interagir e até mesmo participar da pelada.

Dono da Bola

(em português, gratuito para iPhone/Android) Gerencia os jogadores, fluxo de caixa, insere integrantes em uma lista de contatos e permite o envio de estatísticas de desempenho físico por e-mail.

Pelada Manager

(em português, gratuito para iPhones/Android) Seleciona os jogadores e organiza times de forma aleatória, permite o cadastro de atletas com direito a foto e telefones.

Peladeitor

(em português, gratuito para iPhone/Android) Além de organizar os times, o app oferece o recurso de contagem regressiva, lista de jogadores das próximas partidas e a pontuação.

O FUTEBOL SE TORNOU PALCO PARA FESTAS DE ANIVERSÁRIO, DESPEDIDAS E ATÉ CHÁ DE FRALDAS